

A Escola da Natureza

Rosana Gonçalves da Silva
(Escola da Natureza – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal)
rosana33@bol.com.br

Resumo

O artigo visa apresentar e refletir as ações da Escola da Natureza – Centro de Referência em Educação Ambiental da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Criada em 1996, com o objetivo de envolver e mobilizar a comunidade escolar da Rede Pública de Ensino (circunvizinha ao Parque da Cidade - Brasília), por meio de atividades continuadas de Educação Ambiental (EA). Dentre seus objetivos, pode-se destacar: tornar mais concreto, diverso e vivo o conhecimento curricular por meio da retro-alimentação de sistemas abertos, como são os educativos; propor uma prática voltada para a construção e participação do saber e do fazer, dentro de uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar. Desde sua criação, a Escola da Natureza vem trilhando caminhos que levam à efetivação da EA nas escolas e suas comunidades, contribuindo para a constante reinterrogação da sua identidade na presença da sua história, conseqüentemente, a ruptura do isolamento dentro do sistema mantenedor. Atualmente, exercita a articulação interinstitucional na realização de trabalhos que visam o enraizamento da EA nos diversos segmentos do DF. Nesse contexto, na consolidação das suas linhas de ação, pretende a horizontalização das relações mantendo permanente diálogo com a hierarquia. Tamanho desafio e complexidade só são possíveis mediante a ação transdisciplinar.

Palavras – chave: Escola da Natureza, Educação Ambiental, Interinstitucionalidade, Ética, Transdisciplinaridade.

Falar da Escola da Natureza é algo sempre muito inspirador. Creio que seja pelo fato dela me proporcionar um aprendizado semelhante ao aprendizado da própria vida. Com a sua criação, em 1996, inaugura-se também um processo educativo que ultrapassa as barreiras impostas pelas disciplinas escolares ao incorporar experiências tiradas do cotidiano, quais sejam: fazer uma caminhada pelo parque, sentindo o ar a envolver todo o corpo; cultivar um jardim de flores, cheiros e temperos; o exercício da observação da fauna e da flora na realização de trilhas; cuidar dos ninhos existentes e construir outros ninhos, sementeiras e bebedouros para os passarinhos, cooperando assim com a música da natureza. Outros exemplos poderiam ser explicitados, visto que a prática adotada une educação, cultura e meio ambiente na busca da ampliação do conceito de cidadania.

Para alcançar tal propósito fez-se necessário, em primeiro lugar, encaixar eixos que complementassem o processo de mudança na formação do cidadão diante de uma nova consciência ambiental. Pode-se observar, no projeto original, alguns eixos que se destacam. A integração entre o saber e o fazer, mobilizando diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional, observação do ambiente e práticas onde se destacam oficinas ecopedagógicas. A iniciativa é totalmente respaldada pelos marcos institucionais (Políticas Públicas, Programa Parâmetros em Ação no âmbito federal – PCN's e Escola Candanga que tinha como eixo a ética e a ecologia no âmbito distrital) vigentes no período de sua criação. Outro eixo, a ética que deve estar presente em qualquer trabalho e também na educação ambiental que tem a característica de refletir a complexidade da vida.

Em folder explicativo, a professora Vera Lessa Catalão, autora do projeto explica:

A Escola da Natureza foi criada para funcionar como um centro de troca e irradiação de uma pedagogia capaz de unir ética, cidadania e meio ambiente como conteúdos da educação escolar. Ao mesmo tempo em que ela oferece a possibilidade aos estudantes de seguir programas permanentes de educação ambiental, essa escola se apresenta a todos os educadores como um espaço de estudo, de debate e de experiências capazes de ajudar e de tornar mais consistente o trabalho cotidiano que eles já fazem no interior de sua escola. (Catalão, 1996)

Então, o que se propõe é o desenvolvimento de um novo olhar para a educação, imprimindo-lhe mais sentido ao dialogar com a complexidade da vida, trazendo para o interior da escola conteúdos vivos e dinâmicos mobilizados dentro de uma abordagem transdisciplinar.

Assim, a Escola da Natureza desempenha seu papel, desde os primeiros anos de sua criação, dentro de um contexto que se abre em sinergia para as questões ambientais. Há um compromisso ético assumido com a criação dessa escola, que dentre as preocupações com a ecologia e sua interface com a cultura, amplia o conceito de cidadania ao incluir as gerações futuras. Pode-se, a título de realçar tal compromisso, recorrer às palavras da professora Vera Lessa Catalão:

De fato, a educação ambiental toma a ecologia como pretexto para trabalhar a integridade humana. O simples fato de aprender a economizar, a reciclar, a compartilhar, a complementar, a preservar, a aceitar a diferença pode representar uma revolução do corpo social. Nós somos todos professores e alunos diante da tarefa de reaprender esses valores com um saber existencial profundo que une natureza e cultura. (Gadotti, 2000)

Com o passar do tempo, muitas coisas também vão passando, como a mudança no cenário político. Essas mudanças vão repercutir no espaço da Escola e lentamente vão degradando e diminuindo o seu espaço político. Começa um período de conflitos que abala não só o processo educativo, mas, sobretudo, seu compromisso ético. As pessoas são dispensadas numa relação de poder autoritária e equivocada. A falta de apoio nas ações desenvolvidas torna-se cada vez mais visível, talvez pelo não entendimento do papel da Escola no contexto do ensino público. Chegando-se, então, a descaracterização do espaço físico natural da escola.

Esse período inicia-se em 2000, no qual começo a fazer parte da equipe de professores e a vivenciar momentos difíceis como educadora, contudo, momentos regeneradores como pessoa. É a partir do vivido que quero aprofundar as reflexões propostas para este artigo. Pois, quero abordar a transdisciplinaridade a partir da vivência transdisciplinar e não apenas teoricamente.

Quando inicio a jornada como educadora ambiental, é na Escola da Natureza que encontro esse espaço e oportunidade para tal realização. Mediante mudanças na instituição mantenedora e o não entendimento da proposta original de criação da Escola, foi exigida a reformulação do projeto, uma vez que o mesmo era considerado vago. Esse novo contexto vai conferir um caráter conflituoso ao trabalho, principalmente nas relações pessoais dentro da Escola.

Com a reformulação do projeto, a maior preocupação foi preservar os objetivos do projeto original para garantir que esse momento histórico se desse a partir de algo que se conserva. Esse pensamento vai ao encontro das idéias de Maturana quando diz:

a história é uma maneira de explicar o presente. Como explicamos o presente historicamente? Bem, consultamos documentos. Mas os documentos existem agora, os lemos agora, os tratamos agora, como somos agora. Por isso a história é passível de ser mudada. A história muda, pois é uma maneira de explicar o presente, no campo de entidades de estruturas determinadas. Mas nós, seres humanos estamos concernidos com o espírito, concernidos com ética, por quê? (Maturana, 2000)

Considerando a relação espaço/tempo e que a história é que faz a diferença na existência dos sistemas vivos, e até mesmo das instituições, opta-se por manter os princípios, valores e metodologias já existentes no primeiro projeto adequando-o à nova realidade. Essa postura responde, em parte, porque estamos comprometidos com a ética, a partir da condição de cada indivíduo e da condição do coletivo. Busca-se, então, a identidade da Escola da Natureza e as aspirações da nova equipe. Afinal, mesmo considerando o passado, surge a necessidade de autoria ao participar efetivamente na ação contribuindo com novas idéias e de maneira autônoma e legítima.

Diante da tarefa de reestruturar o projeto, a direção da Escola, ao fazer a interlocução com a Secretaria de Educação, também sofria as pressões vindas da instância superior. Algumas vezes, tomou decisões desfavoráveis ao andamento do trabalho, devido a sua pouca experiência administrativa, evidenciando sua dificuldade em gerir o processo compartilhadamente. É natural onde existam pessoas

que cada uma tome para si uma posição de criador da obra, situando-se como autor. Assim como a equipe desejava ir além da execução mecânica daquele momento histórico, a diretora também o desejava. Tanto professores quanto direção queriam reconhecer-se na origem do novo projeto.

Voltando aos conflitos que permeavam todo o processo, há que se destacar o poder político muito centralizador e bem representado pela direção, pois estava sempre às voltas com questões administrativas e preocupada em atender bem a lógica do poder instituído que, então, representava. Isso é compreensível, contudo o abuso deste poder foi manifestado em diversas situações. Sendo a mais grave a desarticulação da equipe ao retirar da Escola alguns professores, injustamente.

Entretanto, neste período de transição, convivemos com muitas oportunidades de formação em Educação Ambiental. Dentre elas o curso “Água como Matriz Ecopedagógica”, que trabalhava as questões sócio-ambientais por meio do tema transversal água, metodologias e a dimensão simbólica. Também proporcionou a realização dos PCN’s Meio Ambiente, que significou a sistematização do conhecimento e a busca de mais autonomia na prática educativa. Os dois cursos representaram um momento impar de reflexão e percepção sobre o papel da Escola e das linhas de ação a serem trabalhadas na construção de sua identidade.

Outro aspecto importante a considerar na construção da identidade foi, sem dúvida, perceber a demanda das escolas, ouvindo-as e legitimando-as. Podendo, assim, conviver mais e melhor dentro da rede de ensino público, cooperando com a qualidade da educação oferecida à sociedade do Distrito Federal. Maturana a esse respeito diz “talvez consigamos nos entender a ponto de podermos nos permitir mudar congruentemente, numa interação recorrente” (Maturana, 2000). A Escola da Natureza corporifica-se. Sua idéia tornando-se corpo com razão de ser busca o enraizamento da Educação Ambiental interagindo com outras escolas e parcerias, dentro da ação transdisciplinar.

Inicia-se agora um novo período, pois afinal estamos em 2004. Estamos falando do tempo presente com uma nova direção e a renovação da equipe de professores aconteceu democraticamente. Novas pessoas com novas idéias que, também, consideram o artigo na construção de consensos no plano da ação. Novamente nos deparamos com o desejo humano de encontrar a si mesmo na origem de certos atos e decisões, a velha e tão atual necessidade de autoria. Lembrando que ainda estamos trabalhando a identidade da Escola, a percepção de que sozinha e isolada ela não exercerá com plenitude o seu papel, iniciou-se a busca do fim do isolamento dentro do sistema mantenedor, abrindo-se a uma experiência em redes como uma linha de ação do projeto atual, que é compreendido e aprovado pela Subsecretaria de Ensino Público.

Nesse sentido horizontalizar a relação com a hierarquia exige um diálogo permanente. Esse diálogo pode ser transformador na relação entre o papel da Escola e o poder representado pela SEE-DF. Mesmo gozando de uma certa autonomia a Escola é parte de um todo. É natural que se estabeleça uma dialética do instituído e do instituinte já que esse todo é mais amplo, é a instituição que goza de autoridade e poder político. Por isso, voltemos a questão do diálogo que deve ser aberto afim de que haja interação e reciprocidade para alcançar a educação de qualidade.

Um passo importante nessa direção foi a realização do I Fórum Ambiental da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal com o objetivo de identificar as iniciativas em Educação Ambiental e propor a organização de uma Rede para viabilizar a troca de experiências, que reuniu escolas de todas as diretorias regionais de ensino.

Paralelamente a esse processo organizávamos também uma formação para educadores ambientais e tentávamos articular parcerias. Fomos convidados a integrar o Grupo de Trabalho de Educação Ambiental - GTEA-DF, que se constitui o embrião da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental - CIEA-DF. Essa relação estreita laços, mas guarda surpresas nem sempre saborosas e muito conflituosas. O grupo de trabalho representa uma nova forma de organização social, baseada em princípios democráticos e inclusivos que visam a sustentabilidade. É constituído por instituições governamentais, sociedade civil organizada, ONG’s ambientalistas e coletivo jovem. Enfim, pessoas desejosas de soma de esforços e recursos e enriquecendo a ação de todos. A articulação

interinstitucional no processo de enraizamento da Educação Ambiental é um desafio que estabelece contendas entre a Escola da Natureza e parceiros. Contudo, leva à compreensão do que seja se autorizar no sentido já explicitado por Ardoino: “a intenção e a capacidade conquistada de tornar-se a si mesmo seu próprio co-autor, de querer se situar explicitamente na origem de seus atos... a legitimidade bem como a necessidade de decidir sobre certas coisas...” (Ardoino, 1998). Ainda nesse sentido, não ignorando é claro, a condição de que a escola está submetida ao seu universo de relações. Fica a pergunta: “como cada um se reconhece e que noção cada um tem sobre a interinstitucionalidade?” Por ora não se tem resposta, entretanto, a busca leva a leituras plurais de intenções e interesses diversos, de ângulos e perspectivas múltiplas sobre a Educação Ambiental, o mundo e a vida.

Bem, o que se pretendia nesse artigo era trazer ao público a construção histórica e contextualizada de um Projeto Político e Pedagógico de Educação Ambiental em um sistema público de educação. A partir do relato dos três momentos distintos, porém complementares, do processo e ainda das suas dimensões e referências, torna-se importante apresentar as perspectivas que podem orientar a consolidação da proposta.

Sobre a formação de educadores ambientais, além da mobilização de conhecimentos busca-se experimentar metodologias, refletir e registrar as experiências realizadas por escolas e comunidades, ampliando as possibilidades de interação e cooperação. Com o aprofundamento do diálogo entre os saberes, o fazer se torna mais significativo, viabilizando assim a influência de ambos sobre o saber ser e conviver. Dessa maneira, compartilhar o trabalho e a informação retro-alimentará a Rede de Educação Ambiental – REA-DF, que vem sendo formada por meio da vivência interinstitucional que, por sua vez, favorece a criação de uma Política Pública Distrital de Educação Ambiental.

Bibliografia

ARDOINO, J. (1998). *Abordagem Multirreferencial (Plural) das Situações Educativas e Formativas*. In BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.) (1998). *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. Tradução de Sidney Barbosa. São Carlos: EdUFSCar. Pps 24-41.

MATURANA, Humberto (2000). *Transdisciplinaridade e Cognição*. In NICOLESCU, Basarab (org.) (2000). *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: Unesco, Edições Unesco. Pps. 83-114.

GADOTTI, Moacir (2000). *Pedagogia da Terra: educação sustentável*. São Paulo: Peirópolis. Pps. 74-101.

CATALÃO, Vera (1996). *Escola da Natureza: porque a vida não pode esperar*. Brasília: Secretaria de Educação – Departamento de Pedagogia – Divisão de Educação Ambiental e Cultura. Folder impresso.